

Entre diásporas e estranhamentos: tecendo olhares sobre a obra de Sandra Cisneiros*

Raimundo Expedito dos Santos Sousa**

Ederson Luís Silveira***

Resumo. A relação entre identidade e alteridade constitui uma das preocupações fundamentais tanto dos estudos pós-coloniais quanto da crítica feminista. Sob uma perspectiva interdisciplinar centrada no diálogo entre ambos os campos de estudo, analisamos neste trabalho a narrativa *The House on Mango Street*, da escritora chicana Sandra Cisneros, com o objetivo de investigar o “deslocamento” em seu duplo sentido geográfico e simbólico, relacionando-o às noções de estranhamento e desterritorialização peculiares à escrita diaspórica. Identificamos que, por meio dos conflitos identitários da personagem Esperanza, Cisneros problematiza o duplo deslocamento vivenciado pelas chicanas nos Estados Unidos. Longe de representar um *locus* de pertencimento, a casa, nessa narrativa, constitui um marcador físico e simbólico do sentimento de desterritorialização vivenciado pela mulher migrante.

Palavras-chave: Sandra Cisneros; Diáspora; Deslocamento; Estranhamento.

Between diasporas and strangeness: Discussing Sandra Cisneiros' works

Abstract. The relationship between identity and otherness is one of the basic concerns in Post-colonial and Feminist Studies. The narrative *The House on Mango Street* by the Chicana writer Sandra Cisneros, is analyzed from the interdisciplinary perspective centered within the dialogues of the two fields of study. Displacement is investigated in its geographic and symbolic meanings, relating it to the concepts of strangeness and de-territoriality, characteristics of diaspora writing. Through identity conflicts of the character Esperanza, Cisneros problematizes the double displacement experienced by Chicanos in

* Artigo recebido em 12/06/2014. Aprovado em 17/11/2014.

** Doutorando em Estudos Literários pela UFMG, Belo Horizonte/MG, Brasil. Bolsista Fapemig. E-mail: raimundo_sousa@terra.com.br

*** Mestrando em Linguística pela UFSC, Florianópolis/SC, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: ediliteratus@gmail.com

the United States. Without being a locus of belonging, the house in the narrative is a physical and symbolic marker of de-territoriality experienced by the female migrant.

Keywords: Sandra Cisneros; Diaspora; Displacement; Strangeness.

Entre diásporas y distanciamientos: Diferentes miradas sobre la obra de Sandra Cisneros

Resumen. La relación entre identidad y alteridad constituye una de las preocupaciones fundamentales tanto de los estudios post coloniales como de la crítica feminista. Bajo una perspectiva interdisciplinar centrada en el diálogo entre los dos campos de estudio, aquí analizamos la narrativa de *The House on Mango Street*, de la escritora chicana Sandra Cisneros, con el objetivo de investigar el “desplazamiento” en su doble sentido geográfico y simbólico, relacionándolo con las nociones de distanciamiento y desterritorialización, propias de la escrita diaspórica. A través de los conflictos identitarios del personaje llamado Esperanza, identificamos que Cisneros problematiza el doble desplazamiento vivido por las chicanas en EE.UU. En esta narrativa, lejos de representar un *locus* de pertenencia, la casa constituye un marcador físico y simbólico de sentimiento de desterritorialización experimentado por la mujer inmigrante.

Palabras Clave: Sandra Cisneros; Diáspora; Desplazamiento; Distanciamiento.

Introduzindo o percurso...

A filosofia como uma experiência de pensamento que, a cada vez que é escrita, é também recriada por quem a escreve. Assim como por quem a lê. A filosofia é, neste caso, a potência de um pensamento (...), é uma prática de pensamento que deve ser exposto por uma fala e, a partir do modo como cada um elabora e cuida de expor ideias e conceitos, o que cada um pensa, entra em jogo com o pensamento de outros (TIBURI, 2008, p. 1).

Pensar não é tarefa fácil. Por isso, para a filósofa Márcia Tíburi (2008), a filosofia aponta para um modo de dizer, ou seja, uma tentativa de aproximação com o Outro e com as coisas pela mediação das palavras. Este trabalho se fundamenta nos modos de dizer (e pensar) que nos conduziram

ao exercício investigativo que apresentamos nas páginas que se seguem. Desejamos que este trabalho acolha os leitores no encontro com suas experiências de leitura e que venha a somar, tensionar e contribuir no diálogo com outros autores, além dos que aqui serão mencionados.

Nesse sentido, partimos aqui da investigação, sob a perspectiva dos estudos pós-coloniais em articulação com a crítica feminista sobre a questão do “deslocamento” geográfico e simbólico, que constitui uma das preocupações centrais de ambas as correntes da crítica literária. Selecionamos para análise a narrativa *The House on Mango Street*, escrita em 1983 pela escritora estadunidense (descendente de mexicanos) Sandra Cisneros, a fim de investigar o “deslocamento” como ponto marcante na construção dessa obra.

Assim, o deslocamento será abordado, neste trabalho, sob duas perspectivas intrinsecamente relacionadas: o deslocamento, em sentido literal, remetendo à diáspora, e o deslocamento em sentido figurado, remetendo à sensação de estranhamento e desterritorialização pela separação do indivíduo ou grupo que emigra de sua tradição cultural e entra em contato com uma cultura outra.

(Em busca d) a teoria: sobre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista (entre outras reflexões)

O título desta seção pode soar estranho aos leitores, mas não está ali por acaso. A nosso ver, não se pode ter a pretensão de englobar em um único tópico a diversidade de temas sobre os quais se baseiam as reflexões dos estudos mencionados. Nesta discussão teórica, fatalmente diversos autores deixarão de ser mencionados, e isso também não é por acaso, pois o que se pretende aqui é delimitar espaços de reflexão sobre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista.

Naturalmente, toda delimitação de espaços traz a consequência das escolhas e dos modos de olhar para o objeto de estudo. Então, que este seja um tópico para que outros sejam possíveis (FOUCAULT, 1971) e se some a outros trabalhos que tratem do mesmo tema. A função, então, não é tratar exaustivamente do assunto, mas trazer pistas para as reflexões que vão lançar luzes à narrativa em questão, enquanto aporte teórico-metodológico do olhar investigativo.

De acordo com Bonnici, o campo dos estudos pós-coloniais se constituiu e ganhou destaque a partir de 1970. Para o autor,

Embora *The Palm-Wine Drinkard*, do nigeriano Amos Tutuola, publicado em 1952, seja considerado o primeiro romance pós-colonial, poderia datar a introdução dos Estudos Pós-coloniais na academia ocidental a partir do *Orientalismo* (1978), de Edward Said (1935-2003), que analisou a fabricação e a construção ocidental do Oriente.

Essa corrente cresceu dentro da academia e o termo *pós-colonial* foi consolidado pela publicação em 1989 de *The Empire Writes Back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures*, dos australianos Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin. Desde então, a terminologia *Commonwealth Literatures* e *Third World Literatures*, usada para descrever a literatura das ex-colônias européias, praticamente caiu em desuso. Embora haja muito debate sobre os parâmetros precisos do campo do pós-colonialismo, o termo *Estudos pós-coloniais*, geralmente aceito, é o estudo das interações entre as nações européias e as sociedades que elas colonizaram no período moderno (BONICCI, 2005, p. 186).

Cabe aqui ressaltar que, no sentido em que está empregado no presente trabalho, o pós-colonialismo aponta para situações de resistência ao colonialismo (BONNICI, 1998). Nos romances, de acordo com Bhabha (1992), podem ser percebidos os efeitos literários e sociais da acomodação social forçada e a angústia do deslocamento cultural e do movimento diaspórico. Neste sentido, para Brennan (1989), pode-se pensar, por meio dos estudos pós-coloniais, o desenraizamento como posição de capacitação política e epistemológica. Pensar sobre a demarcação de narrativas que envolvem

elementos como pertencimento, desidentificação, exílio e diáspora implica pensar a respeito da alteridade. Dessa forma, aqueles que eram vistos como “outros” por apontarem para a existência de sujeitos marginalizados, expatriados, estranhos, ganham voz em narrativas de fôlego repletas de marcas constituintes das singularidades que (des)constroem as subjetividades.

Neste contexto, cabe o diálogo com Hall (2002), para quem as identidades não são fixas, estáveis e cercadas de homogeneidade. As narrativas mencionadas anteriormente, bem como as que vieram depois, trazem em seu bojo reflexões sobre a identidade vislumbrada em ambientes de tensão e (des)identificação com o meio (externo e metaforicamente construído). Por isso, a partir de leituras sobre o constructo teórico das identidades culturais, Santos (2011) argumenta que existem movimentos de identificação/diferenciação ao invés de apenas identificações ou de identidades moldáveis harmoniosamente. Assim, de acordo com Bonnici,

a crítica pós-colonial permite uma investigação abrangente nas relações de poder em múltiplos contextos. A formação de império, o impacto da colonização na história da ex-colônia, a economia, a ciência, a cultura, as produções culturais de sociedades colonizadas, o feminismo, a autonomia para pessoas marginalizadas, e o estado pós-colonial nos contextos econômicos e culturais contemporâneos são alguns tópicos nesse campo. (...) O pós-colonialismo compreende toda a cultura influenciada pelo processo imperial desde o início da colonização até a contemporaneidade (BONNICI, 2005, p. 189-190).

O termo diáspora refere-se, neste contexto, aos traumas dos povos banidos de suas terras ou que se deslocaram voluntariamente, sob motivações diversas, para viverem em lugares “estranhos”. Esse trânsito implica, não raro, a sensação de ser desenraizado de sua cultura. As escritas caracterizadas pelo elemento pós-colonial se tornam, então, subversivas, já que não satisfazem os desejos de manutenção da cultura dominante; ao contrário, apresentam formas alternativas de olhar para a história e para os modos de narrar. Ricoeur (1994)

expõe uma das formas mais radicais de perceber isso. Para o filósofo, é a narrativa que torna possível a experiência humana do tempo, que só se torna humano por meio da experiência narrada.

Nessa perspectiva, a importância política e conscientizadora da leitura de obras como as narrativas pós-coloniais revela outro aspecto imprescindível para entendimento do cânone (pré-)estabelecido a partir de obras oriundas de lugares e autores privilegiados, o que mostra que

não foi apenas o fator estético o responsável exclusivo da inclusão no cânone de certos textos, mas sim um conjunto de razões políticas apropriadas para sustentar uma determinada ideologia historicamente datada. Além disso, o deslocamento da literatura do “centro” para a “margem” favorece a conscientização da subjetividade tolhida pela ação colonizadora. A leitura de textos ficcionais pós-coloniais e de teoria pós-colonial oriundos de autores nascidos em ex-colônias já é um indício e um fator importante de um discurso alternativo (BONNICI, 2005, p. 197).

Nesse sentido, aos estudos pós-coloniais se pode somar a crítica feminista que, sob a premissa de que lançar luzes sobre o diálogo entre estudiosos de ambos os campos (ainda que em diferentes enfoques e em ambientes por vezes tensionados), pode contribuir para as reflexões sobre textos literários. O encontro de tais teorias visa o contínuo aperfeiçoamento e engajamento daqueles que quiserem se enveredar por ambos os campos, pois é preciso atualizar-se constantemente, dada a diversidade inerente de perspectivas e possibilidades a serem mobilizadas no ato investigativo sob tais aportes teórico-metodológicos.

Sobre a crítica feminista, importa mencionar que, desde o final do século XIX até a década de 1970, ocorre, em nível transnacional, o “aparecimento” de nova consciência crítica de “raça” e “sexo” como construções sociais. Isso resultou na denominada “crise do cânone”, que trouxe em seu bojo de discussões a problematização de um cânone estável ou que partisse de uma conformação estável de saberes instituídos. A crítica feminista

se desenvolve com o passar do tempo, a partir da metade do século XX, visando, em um primeiro momento, resgatar obras escritas por mulheres e, em outro momento, resgatar leituras literárias, considerando a experiência da mulher e detectando marcas no estilo, nos temas e nas vozes do texto que apontem para as relações com o patriarcado e com os estereótipos atribuídos à mulher na sociedade. Dessa forma, com a contribuição da crítica feminista e dos estudos culturais, dos estudos pós-coloniais, entre outros, de acordo com Zinani (2010), a história da literatura se vale da crítica literária e da teoria para perceber o cânone não como um conjunto de obras escritas por autores de casta privilegiada, mas como um campo aberto à multiplicidade de possibilidades.

Para fins didáticos, costuma-se subdividir o movimento feminista em três grandes períodos ou ondas (BONNICI, 2007): a primeira onda, de acordo com Bonnici (2007), equivale ao período que vai desde o final do século XIX, quando se acentuaram as lutas pelos direitos humanos, até o início do século XX, a partir do movimento das sufragistas, que reivindicavam o direito ao voto feminino. Destaca-se aqui a publicação das obras *A vindication of the rights of woman*, em 1792, por Mary Wollstonecraft, que defendia o direito das mulheres à educação e à igualdade de direitos, bem como a produção literária de Virgínia Woolf, em 1929, com *Um teto todo seu*.

A segunda onda, para Bonnici (2007), teve início com a publicação de uma das obras mais conhecidas no âmbito dos estudos feministas: trata-se de “O segundo sexo”, em 1949, de Simone de Beauvoir, em que a autora problematiza alguns mitos sobre as mulheres mencionados nas obras de escritos renomados como Stendal e D. H. Lawrence. Nessa obra, a mulher é vista não como ser com entidade existencializada, mas como um vir-a-ser, estendendo as reflexões sobre a subordinação da mulher no terreno ontológico. Mais tarde, no segundo volume de sua obra, estará a frase mais conhecida de

todas: “Ninguém nasce mulher, torna-se” (BEAUVOIR, 1980, p. 9). Outras obras que se destacaram no período pós-guerra e tratavam do descontentamento em relação à situação das mulheres foram *The Feminine mystique*, de Betty Friedan, e *Sexual politics*, de Kate Millett.

A terceira onda, segundo Bonnici (2007), surgiu em meados dos anos 1990, nos Estados Unidos, partindo de revitalizações e reformulações do movimento feminista em resposta às críticas masculinas sobre a redução de direitos dos homens, ao mesmo tempo em que as mulheres conquistavam cada vez mais a igualdade de direitos. Essa onda incorporou novos estudos e problematizações de variados campos, como os estudos *queer*, a conscientização negra, os estudos pós-coloniais, a teoria crítica e o transnacionalismo, entre outros (ZINANI, 2010). Em alguns momentos, entraram em embates as feministas da segunda e da terceira ondas, e isso deve ser aqui destacado para que se perceba que a história é tecida em um terreno de discontinuidades (ARTIÈRES *et alli*, 2014) e não pode ser estabelecida apenas a partir de uma linha de acontecimentos que vão sucedendo uns aos outros cronologicamente, sem tensionamentos e embates.

Após essa apresentação, cabe mencionar que os estudos pós-coloniais e os estudos oriundos da crítica feminista podem servir para lançar luzes sobre a análise que propomos, no sentido de tecer gestos de investigação, gesto de ver:

Como se o ato de ver acabasse sempre pela experimentação tátil de um obstáculo erguido diante de nós, obstáculo talvez perfurado, feito de vazios. (...) Mas este texto admirável propõe um outro ensinamento: devemos fechar os olhos para ver quando o ato de *ver* nos remete, nos abre a um *vazio* que nos olha, nos concerne e, em certo sentido, nos constitui (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 31, grifo do autor).

Olhemos, então, para o vazio que temos à nossa frente, ou tornemô-lo vazio para preencher com novas e outras reverberações que o ato de ver genuíno possibilita, e consideremos, assim, a constituição de cada um (aquele

que escreve e aquele que lê) naquilo que presencia no ato de leitura do texto que tiver em mãos e do que puder somar de seu ao que aqui for dito durante e após a leitura.

Delimitando espaços: (algumas) fronteiras da narrativa

The House on Mango Street, obra tratada ora como um *bildungsroman* (romance de formação) feminista, ora como uma coleção de contos e ora como uma série de vinhetas interconectadas, insere-se no feminismo chicano, que constitui uma versão feminista do movimento chicano, iniciado em meados da década de 1960 para reclamar a memória cultural e a tradição dos “chicanos”, isto é, mexicanos ou seus descendentes que vivem, legal ou ilegalmente, nos Estados Unidos.

Como tal movimento era considerado androcêntrico, ou seja, centrado nos interesses de chicanos homens, fez-se necessário um movimento chicano feminista, voltado para questões femininas/feministas no sentido de expressar e trazer à tona a condição de mulheres chicanas em uma cultura patriarcal estrangeira. Portanto, embora o foco principal deste trabalho seja a questão do deslocamento, não se pode ignorar questões de gênero que perpassam toda a narrativa, uma vez que os deslocamentos simbólicos expressos no texto dizem respeito ao estranhamento de uma personagem sugestivamente denominada Esperanza que, à medida que tenta construir sua identidade como imigrante em um gueto formado por chicanos, também constrói sua identidade como mulher.

The House on Mango Street é narrado em primeira pessoa por Esperanza, uma menina que se muda com a família para os Estados Unidos e passa a morar em uma casa adquirida pela família em *Mango Street*, na periferia de Chicago. No desenrolar da narrativa, Esperanza relata suas impressões sobre sua vida e a de seus vizinhos, também chicanos, com os quais convive.

Como ponto de partida para a análise do livro, é importante conhecer um pouco sobre a autora pelo fato de Cisneros, assim como a personagem principal do livro, ser também chicana. De acordo com McCracken (1989), o pai de Cisneros era mexicano e sua mãe, embora nascida em Chicago, tinha descendência mexicana também. Única mulher em um total de sete filhos, Sandra Cisneros nasceu em Chicago, mas sua infância foi marcada por constantes mudanças de casa e viagens de férias para a casa dos avós no México.

O fato de Cisneros e sua família também viverem constantemente se mudando faz com que esta personagem seja vista a partir de situações similares às da personagem Esperanza. Em 1966, sua família se muda para uma casa própria, o que significou muito para Cisneros, pois a partir daí não precisaria mais mudar de escola e poderia construir relações de amizade mais duradouras. Cisneros relata que seus amigos se tornaram personagens em seus livros. Assim como representado no livro, seu amigo *Meme Ortiz* tinha um cachorro e este tinha dois nomes, um em inglês e outro em espanhol (CISNEROS, 1990).

Outro ponto marcante na vida de Sandra Cisneros é o fato de ela ter saído de casa. Embora na cultura patriarcal em que estavam inseridas as filhas só deixam a casa dos pais para se casarem, a escritora, contrapondo-se a esse tabu e ao desejo do pai, sai de casa até mesmo antes de seus irmãos. Deixar a casa paterna decerto marcou profundamente a escritora, e *The House on Mango Street*, que retrata exatamente o desejo de possuir um lar, não apenas uma casa, é elucidativo nesse sentido.

Cisneros escreve em inglês, mas é um inglês fortemente fragmentado por “estruturas” e “dicções” em espanhol, e isso faz com que a sua escrita seja visualizada como uma literatura chicana contemporânea. Uma literatura que, ao retratar uma coletividade marginalizada pela tradição literária canônica, necessita expressar a sua voz e descobrir uma forma de se autodefinir, conforme exprimem Ashcroft *et al* (1991).

A experiência da diáspora, voluntária ou não, e a consequente crise de identidade fazem com que muitos autores pós-coloniais, como Cisneros, dediquem-se a desenvolver ou recuperar a identificação deles próprios com o lugar. A crise de identidade, que Cisneros (1990) classifica como esquizofrenia, produz a sensação de deslocamento e a ânsia de criar e/ou retomar seu próprio espaço, de poder expressar tudo que foi antes reprimido em sua própria linguagem; uma linguagem chicana que vai representar a voz do oprimido, do deslocado, do sem-lugar, como se verá a seguir.

Entre a diáspora e a resistência: a cultura do outro e as (des)identificações

A diáspora moderna, geralmente motivada por razões econômicas ou políticas, constitui um processo mais traumático do que possa parecer a quem não vivenciou tal experiência. O imigrante que se insere em uma nova cultura vivencia experiências como dificuldade de adaptação, além da discriminação por sua diversidade étnica, social e cultural.

Tal discriminação, segundo Kristeva (1994), deve-se principalmente ao fato de o estrangeiro, que muitas vezes chega a um país decidido a vencer na vida, possa causar incômodo e desconforto por colocar em cheque a identidade do nativo, que passa a se ver, também, como um “outro”. Nesse sentido, a figura do imigrante desencadeia uma crise de identidade não apenas nele próprio como também no nativo, que pela primeira vez tem sua identidade colocada em questão. Segundo Hall,

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (HALL, 2002, p. 7).

Desse modo, o exilado, ao perder seu “quadro de referência”, encontra-se “deslocado”, tanto em sentido espacial, geográfico, quanto

identitário, pois suas referências, deixadas em sua terra-mãe, são agora substituídas por aquelas do “outro”. Assim, o exilado, ao lembrar-se do passado, dos amigos e da família, cria o que Rushdie (1991) denomina “*imaginary homeland*”, isto é, a sensação, advinda da condição de expatriado, de pertencer a outro lugar, cujas referências existirão apenas e principalmente na imaginação.

Retomando Kristeva, em sua discussão acerca dos efeitos psíquicos do exílio, a autora diz sobre o exilado:

No ponto mais longínquo em que sua memória remonta, ela está deliciosamente magoada: incompreendido por uma mãe amada e contudo distraída, discreta e preocupada, o exilado é estranho à própria mãe. Ele não a chama, nada lhe pede. Orgulhoso, agarra-se altivamente ao que lhe falta, à ausência, a qualquer símbolo (KRISTEVA, 1994, p. 12-13).

Essa “terra imaginária”, como uma espécie de paraíso uterino, não se refere exatamente ao país enquanto entidade geográfica, mas a um país recordado, desejado, já que

o paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada (...) ele [o estrangeiro] jamais está simplesmente dividido entre aqui e alhures, agora e antes. (...) Sempre em outro lugar, o estrangeiro não é de parte alguma (KRISTEVA, 1994, p. 14).

Ciente dessa condição, o Movimento Chicano de Resistência, conforme já mencionado, consistiu em um esforço coletivo de expressar e fortalecer a identidade dos mexicano-americanos e, desse modo, demandar que a cultura dominante americana reconheça o legado cultural e a condição de subalternidade em que vivem os chicanos nas margens da sociedade americana.

Gloria Anzaldúa, em seu texto seminal *Borderlands/La frontera: The New Mestiza*, destaca que os chicanos vivem em uma espécie de *borderland*, ou seja, em uma fronteira simbólica e intermediária entre sua terra natal e os

Estados Unidos, um espaço entre duas culturas distintas que marca a relação traumática entre um povo, sua tradição cultural perdida e sua inadequação e discriminação na nova cultura:

The U.S.-Mexican border es una herida abierta where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it haemorrhages again, the lifebloods of two worlds merging to form a third country – a border culture. Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish us from them. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary (ANZALDÚA, 1999, p. 82).

Parafraseando Anzaldúa (1999), pode-se afirmar que as fronteiras definem limites identitários entre o “nós” e o “eles”. Dessa forma, Anzaldúa, embora utilize uma denominação particular, ecoa com outros teóricos citados anteriormente, bem como outros estudiosos, como Bhabha (1998) e Santiago (2000), que se valeram, respectivamente, de termos como *in-between* e “entre-lugar” para explicitar essa situação de fronteira simbólica entre duas culturas.

Se até meados da década de 1980 a literatura chicana era predominantemente marcada por vozes masculinas, com o avanço dos estudos feministas e o tardio assentimento do campo literário a escritoras mulheres, versões femininas do movimento chicano começaram, por meio da literatura e outras artes, a questionar os padrões compulsórios de gênero a que se restringiam as mulheres chicanas na sociedade patriarcal, tanto de seu país de origem – em que o modelo da Virgem de Guadalupe imperava como norma de feminilidade ideal, em contraposição a *La Malinche*, a mulher má – quanto da nova sociedade em que eram inseridas enquanto imigrantes. Dessa forma, como tentativa de redefinir os papéis femininos tradicionais e romper com modelos de conduta restritivos a literatura feminista chicana procura retratar a condição de mulheres oprimidas nas esferas sociais, culturais, étnicas e de gênero.

Portanto, de forma a oferecer uma saída para mulheres que não podiam romper com as fronteiras simbólicas tanto de sua condição como estrangeiras quanto de sua condição de mulheres, o feminismo chicano tenta despertar, nas palavras de Anzaldúa, uma “consciência mestiça”. Para tanto, as chicanas abandonaram um movimento coletivo que, apesar de sua validade, não preenchia seus anseios e abraçaram, assim, um movimento mais direcionado a questões femininas.

A luta das mulheres chicanas consiste em algo bem mais complexo do que simplesmente direcionado à rejeição de uma cultura e à dificuldade em assimilar outra: as chicanas enfrentam o dilema entre sair da própria individualidade e se adequar aos padrões de gênero pré-estabelecidos por uma sociedade patriarcal que não oferece à mulher oportunidades de escapar a modelos de comportamento social e culturalmente delimitados. Assim, é importante estabelecer, seguindo Anderson *et al*, a distinção entre gênero e sexo:

Sex refers to one's biological identity as male or female; gender refers to the systematic structuring of relationships between women and men in social institutions. Gender is a learned identity, but as with race, it cannot be understood at the individual level alone (ANDERSON et alii, 1995, p. 67).

Pode ser mencionado aqui, então, que os padrões de gênero binários são naturalizados para servir à legitimação de determinado arranjo social. Com isso, a desigualdade entre homens e mulheres é considerada, dentro do regime patriarcal, não como resultante de construtos sociais, mas como inerente à natureza de ambos os gêneros.

O que torna ainda mais complexa a situação das chicanas é que, em seu caso, as desigualdades de gênero são acompanhadas da desigualdade de raça, etnia e construção identitária, como se verá a seguir.

Nos terrenos (e além da) desterritorialização em *The house on Mango Street*

Segundo Saldívar-Hull (2000), a gênese do assentamento de comunidades chicanas nos Estados Unidos data dos anos de 1920, quando algumas colônias se estabeleceram no sul de Chicago, atraídas por opções de trabalho nas indústrias da região. Os chicanos formavam, assim, pequenos guetos, denominados *barrios*, onde, em uma espécie de microcosmo cultural, tentavam manter sua identidade coletiva, ao passo que eram marginalizados pela cultura norte-americana.

Em *The House on Mango Street*, Esperanza narra, a partir de sua própria percepção, o contexto sociocultural e o cotidiano de um desses *barrios*, no qual ela está inserida e exprime, por meio de linguagem poética, peculiaridades de seus moradores, suas condições de vida, e como ela está intrinsecamente ligada a esse contexto, no qual gradualmente tomará consciência de sua identidade como mulher e, mais especificamente, como mulher chicana. Nesse sentido, retomamos Saldívar-Hull:

Set in an urban city, Mango Street is an urban barrio surrounded by privilege but excluded from it. The sexual, racial, and geopolitical emerge in the Mango Street characters' lived experiences as working-class people of color in the borderlands of Greater Mexico (SALDÍVAR-HULL, 2000, p. 84).

Desse modo, na narrativa, Esperanza tenta negociar conflitos entre a autodeterminação individual e a identidade comunitária, entre o espaço privado da casa e a esfera pública, entre a herança mexicana e sua inserção na cultura norte-americana.

A casa, presente já no título do livro – que, aliás, ressalta o aspecto geográfico, pois também determina a rua, *Mango Street* –, traz em si marcas da questão do deslocamento. Embora Esperanza tenha uma casa, a menina anseia por seu próprio lar, assim como a massa de imigrantes agrupados em sua comunidade. À esta altura cabe destacar Ellen McCracken, que afirma:

“Cisneros has socialized the motif of a house of one’s own by showing its motivating roots to be the inadequate housing conditions in which she and others in her community lived” (1989, p. 65).

Depois de Esperanza declarar que não tem casa, outra personagem, Alicia, aponta para a casa de Esperanza dizendo que a menina vivia lá. No entanto, Esperanza insiste em dizer que aquela não é a sua casa, pois ela sente vergonha daquele lugar:

No, this isn’t my house I say and I shake my head as if shaking I could undo the year I’ve lived here. I don’t belong. I don’t ever want to come from here. You have a home, Alicia, and one day you’ll go there, to a town you remember, but me I never had a house, not even a photograph... only one I dream of (CISNEROS, 1991, p.106-107).

O sentimento de desconcerto e a vontade de “desterritorialização” com o mundo em que vive, enquanto espaço de desidentificação com o meio, faz com que a protagonista sinta-se deslocada, distante do lugar em que vive, desintonizada de sua realidade. Desse modo, o sonho de ter um lar só para si faz com que Esperanza deseje “fugir desse mundo”. Por isso, em certo momento, a menina diz a sua amiga Sally:

Sally, do you sometimes wish you didn’t have to go home? Do you wish your feet would one day keep walking and take you far away from Mango Street, far away and maybe your feet would stop in front of a house, a nice one with flowers and big windows and steps for you to climb up two by two upstairs to where a room is waiting for you... (CISNEROS, 1991, p. 82).

Em outras palavras, casa (*house*) e lar (*home*) são, especialmente para o imigrante, palavras com sentidos bastante distintos, extrapolando a relação sinonimicamente usual, na medida em que o “lar” representa bem mais do que um espaço fechado entre quatro paredes. Representa, como já apontado anteriormente, um lugar simbólico, idealizado, de acolhimento. Seus pais lhe prometem, para aliviar sua angústia, o advento de dias melhores:

They always told us that one day we would move into a house, a real house that would be ours for always so we wouldn't have to move each year. And our house would have running water and pipes that worked. And inside it would have real stairs, not hallway stairs, but stairs inside like the houses on T.V. (CISNEROS, 1991, p. 4).

Na descrição de sua casa em *Mango Street*, Esperanza demonstra insatisfação com o local, quer no plano concreto (a casa era desconfortável), quer no plano abstrato (ela não se sentia “em casa”). Pode-se perceber tal insatisfação quando Esperanza recorda um episódio em que teve de indicar, quando interpelada por uma monja, sua pobre habitação:

There, I said pointing up to the third floor. You live there? There. I had to look to where she pointed-the third floor, paint peeling, wooden bars Papa had nailed on the windows so we wouldn't fall out. You live there? The way she said it make me feel like nothing. There. I lived there. I nodded (CISNEROS, 1991, p. 5).

Cabe então aqui uma ressalva: seu desejo de possuir seu próprio lar não deve ser interpretado meramente como um anseio material, mas, sob um prisma simbólico, de (re)constituição de sua identidade. Dessa forma, tem-se a possibilidade de diálogo com McCracken, em sua afirmação: “Rather than the mere desire to possess private property, Esperanza’s wish for a house represents a positive objectification of the self, the chance to redress humiliation and establish a dignified sense of her own personhood” (McCRACKEN, 1989, p. 65). Além disso, a discriminação étnica pela qual passavam os moradores de *Mango Street*, também contribuiria para o sentimento de vergonha e inadequação de Esperanza em relação a sua casa, pois fazia com que a menina se sentisse um “outro” em sua própria casa.

A casa em *Mango Street* pode ser vista, portanto, como uma metonímia da nação estadunidense, pois a relação que Esperanza tem com a casa é marcada pela mesma frustração, pelo mesmo sentimento de deslocamento em sua relação com os Estados Unidos – o lugar onde ela mora, onde está sendo

criada, mas do qual a menina não se sente parte: “...but what I most remember is Mango Street, sad red house, the house I belong but do not belong to” (CISNEROS, 1991, p.110).

Na parte intitulada *Bums in the Attic*, Esperanza descreve claramente a casa de seus sonhos: uma casa situada em um local ermo, distante daquele bairro em que seu pai trabalha como jardineiro. Desse modo, a menina demonstra estar saturada das promessas de seus pais e almeja, a todo o custo, poder viver nas colinas, onde não mais sentiria vergonha de sua origem: “People who live on hills sleep so close to the stars they forget those of us who live to much on earth. They don’t look down at all except to be content to live on hills. They have nothing to do with last week’s garbage or fear of rats” (CISNEROS, 1991, p. 86-87).

Já na parte *Red Clowns*, Esperanza é vítima de abuso por um anglo-americano branco: “The one who grabbed me by the arm, he wouldn’t let me go. He said I love you, Spanish girl, I love you, and pressed his sour mouth on mine” (CISNEROS, 1991, P. 100). No episódio, fica evidente o quanto a mulher chicana, por pertencer a um grupo étnico considerado inferior, é tida como sexualmente “liberal”, pois seu status de “*Spanish girl*” indica, para o americano, o exotismo de uma sexualidade latina sem pudor.

Em *The Three Sisters*, por sua vez, Esperanza se encontra com três “comadres”, que lhe mandam “pedir uma graça” sob promessa de que seu desejo se cumprirá. Sem dizer nada, as comadres já inferem o desejo da menina, “*a house of my own*”, porque, a cada dia, Esperanza demonstra mais a sua ânsia por encontrar seu próprio lar e sair de *Mango Street*. As comadres, contudo, fazem-lhe uma profecia cruel, porém, reveladora dos resquícios que as experiências deixam na identidade de quem as vivencia:

When you leave you must remember always to come back, she said. What? When you leave you must remember to come back for the others. A circle, understand? You will always be

Esperanza. You will always be Mango Street. You can't erase what you know. You can't forget who you are (CISNEROS, 1991, p. 105).

Ainda que Esperanza saia de *Mango Street*, não apagará facilmente as marcas que aquele lugar deixou em sua identidade, pois a identidade “pura”, original, é um mito (HALL, 2002). Como a identidade é fluida, fragmentada e negociável, nunca acabada, a estada de Esperanza em *Mango Street*, por mais que ela tente pagar da memória, ficará marcada em sua identidade de alguma forma.

A penúltima parte, intitulada *A House of My Own*, estabelece um diálogo intertextual com o ensaio *A Room of One's Own*, de Virginia Woolf. Em uma passagem que remete à afirmação de Woolf de que uma mulher precisa de um teto todo seu para se tornar escritora, Esperanza descreve sua fantasia de possuir “a house all my own [...], a space for myself to go, clean as paper before a poem” (CISNEROS, 1991, p. 125).

Em *My Name*, Cisneros retoma a questão da dupla identidade. Esperanza aponta o duplo significado de seu nome: em espanhol e em inglês, a partir de suas experiências com as duas culturas. No inglês, o significado é positivo, pois remete à esperança (*hope*), como possível referência ao *American dream*, ou seja, à ilusão de que a sociedade americana possa oferecer, inclusive ao imigrante, diversas oportunidades de um futuro melhor. Já o significado mexicano de seu nome está envolto em acepções obscuras e negativas, e exprime a tristeza e desterritorialidade, características impregnadas em seu destino (desesperançado) de mulher mexicana. Para Revuz (1997), a língua aprendida e utilizada em sociedade é parte constitutiva da subjetividade humana. Neste sentido, o encontro com outra língua aparece como experiência nova, e tal novidade, entretanto, não está no encontro entre as línguas, mas nas implicações identitárias desse encontro.

Assim, a personagem expressa o desejo de se desatrelar de ambos os nomes, o que demonstra sua dificuldade em definir a qual cultura pertence,

uma vez que não é mais puramente mexicana e tampouco norte-americana. A personagem aspira a um nome totalmente diferente que lhe traga auspícios de melhor sorte: “I would like to baptize myself under a new name, a name more like the real me, the one nobody sees. Esperanza as Lisandra or Maritza or Zeze the X. Yes. Something like Zeze the X will do” (CISNEROS, 1991, p. 11).

Quanto a essa frustração provinda do nome chicano herdado, Madsen cita Cherríe Moraga, que afirma: “There is hardly a Chicana growing up today who does not suffer under her name even if she never hears directly of the one-time Indian princess” (2000, p. 83).

Em diversas passagens da narrativa há um jogo de linguagem com comparações entre inglês e espanhol. Trata-se de uma técnica utilizada na escrita chicana para expressar a dualidade da herança linguística e da interseção cultural, comumente denominada de “*code-switching*” (MADSEN, 2000, p. 18). Há no livro uma presença marcante de vocabulários em espanhol, como: *abuelito*, *papa*, *Mamacita*, *comadres* etc. O uso concomitante do inglês e do espanhol representa não somente a experiência chicana, mas um ato subversivo da escrita chicana.

Ainda em relação à linguagem, é importante citar uma passagem em que Ascroft expõem ser necessário criar uma linguagem própria e que permita ao chicano expressar o seu senso de deslocamento:

even before the development of a conscious de-colonizing stance, the experience of a new place, identifiably different in its physical characteristics, constrains, for instance, the new settlers to demand a language which will allow them to express their sense of ‘Otherness’ (ASCROFT *et alii*, 1991, p. 11).

A questão da diferença, da alteridade, é marcante na narrativa de Cisneros, como se observa na parte intitulada *Hairs* em que Esperanza descreve que cada membro da sua família tem um tipo de cabelo. A descrição de toda a

vizinhança mostra bem a justaposição das diferenças e a formação de uma comunidade híbrida, dividindo um território que não o seu e que, de certa forma, define que o deslocamento sofrido por Esperanza não é peculiar somente a ela, na medida em que essa é a condição geral daquela comunidade.

Nesse sentido, Madsen caracteriza Cisneros como a representação da “new mestiza/Chicana consciousness of daughters who resist and refuse to accept the constraints against which their mothers and grandmothers have chafed and which limited their lives” (MADSEN, 2000, p. 40). Isso, no livro, expressa claramente o desejo de Esperanza por romper essa restrição vislumbrando novas possibilidades e horizontes. A menina busca não se estagnar como fez sua avó:

You can never have too much sky. You can fall asleep and wake up drunk on sky, and sky can keep you safe when you are sad. Here there is too much sadness and not enough sky. Butterflies too are few and so are flowers and most things that are beautiful. Still, we take what we can get and make the best of it (CISNEROS, 1991, p. 33).

Cabe então destacar que a questão do lugar e do deslocamento, em que a crise de identidade é direcionada para a constituição ou recuperação de uma identidade entre “eu” e o “lugar”, estão presentes na voz da personagem durante a narrativa em muitos momentos. Isso porque a personagem se vê como parte de uma sociedade excluída – “I want to be like the waves on the sea, like the clouds in the wind, but I’m me. One day I’ll jump out of my skin” (CISNEROS, 1991, p.60). Mesmo na escola, a menina se sente assim, o que acentua, novamente, tal sentimento de exclusão: “They think we will attack them with shiny knives. They are stupid people who are lost and got here by mistake” (CISNEROS, 1991, p. 28).

Em momento algum Esperanza se vê como parte dos Estados Unidos ou do México, como pode ser percebido pelo título de uma das partes da narrativa (*No Speak English*) que exemplifica sua exclusão, tanto americana

quanto mexicana (já que não há “defesa” da faculdade de falar espanhol, apenas a exclusão da língua predominante no lugar em que vive, com o qual não se identifica). Somando-se a estas reflexões, pode aqui ser mencionada sua fala a respeito da vizinha *Mamacita* – “She sits all day by the window and plays the Spanish radio show and sings all the homesick songs about her country...” (CISNEROS, 1991, p. 77) – nota-se a aversão de Esperanza pelo México, considerando este apenas o país de *Mamacita* (“her country”) e não o dela.

A seguir, Esperanza prossegue discorrendo acerca de *Mamacita*: “No speak English, she says to the child who is singing in the language that sounds like tin. No speak English, no speak English, and bubbles into tears. No, no, no, as if she can’t believe her ears” (CISNEROS, 1991, p. 78). Percebe-se aí a aversão em relação aos Estados Unidos, que faz com que as crianças não possam de maneira alguma falar inglês; é incabível, pois os imigrantes necessitam escapar às opressões políticas e culturais do domínio metropolitano. Isso ocorre porque a língua estrangeira é a língua do outro. Para Melman (1992), trata-se do medo da despersonalização que a aprendizagem da língua do Outro implica. Já para Coracini, essa relação pode causar estranheza ou aproximação.

Essa reflexão sobre o sujeito e a aprendizagem de línguas nos leva a problematizar a questão da identidade, considerada normal e ilusoriamente unitária e estável, idêntica em si mesma. Quando se fala de busca da identidade de um povo ou de um grupo social, pretende-se encontrar características capazes de definir o indivíduo ou o grupo social por aquilo que ele tem de diferente dos outros indivíduos; neste sentido, guarda-se uma relação de homogeneidade. Entretanto, se postularmos o sujeito cindido, descentrado (...), habitado pelo outro, incapaz de se definir como uno, estável e igual a si mesmo (e, portanto, distinto dos demais), a não ser na dimensão representativa, isto é imaginária (...) e a linguagem enquanto heterogênea, não podemos acreditar na possibilidade de uma identidade acabada, descritível; só podemos postular momentos de “identificação” em movimento constante e em constante modificação (CORACINI, 2003, p. 151).

Portanto, conforme mencionado, a identidade, enquanto organismo heteróclito, mutável e descontínuo, aqui pode ser apresentada como espaço de desidentificação, ou, como apresentou Santos (2011), no debate das construções identitárias partindo dessas construções, como processos de identificação/diferenciação. Neste instante (e permeando toda a ficção aqui analisada), a questão da desidentificação (ou da diferenciação) com as próprias origens pode ser explanada por meio de Madsen, na seguinte passagem:

the dominant culture within which Chicana subjectivity is formed is comprised of a matrix of the dominant cultural forms of both the United States and Mexico – not just the cultural imperialism of the United States, expressed in a history of military aggression, conquest, annexation, and ongoing cultural and economic humiliation, but also the cultural imperialism of Mexico and Latin America from the perspective of which Chicanos/as are defined as mestizo, mongrel, Anglicized, and bastardized. ... The reluctance experienced by Chicanas to speak Spanish to Latinas who may criticize their ‘illegitimate’ Chicano Spanish. This fear is as debilitating as the memories of punishments at school for speaking Spanish at all. Both reinforce the perception that the Chicano language is somehow ‘wrong’, and this rejection of the native tongue translates easily into a rejection of the community body, the people, *la raza* (MADSEN, 2000, p. 21-22).

Por esse deslocamento, a essa sensação de não se sentir parte da nação onde se vive ou mesmo da nação de origem, Esperanza frequentemente se refere ao desejo (que continuamente ressurge) de ter um lar e também à sua frustração por não ter: “One day I’ll own my own house... because I know how it is to be without a house” (CISNEROS, 1991, p. 87).

Nessa questão da crise de identidade é interessante observar o trecho em que Esperanza se compara a quatro árvores “magricelas” e afirma que somente estas passam pelo mesmo deslocamento de viver em um lugar ao qual não pertencem: “They are the only ones who understand me. I am the only one who understand them. Four who do not belong here but are here...” (CISNEROS, 1991, p. 74).

A conclusão de *The House on Mango Street* se faz com as mesmas palavras que deram início à narrativa: “We didn't always live on Mango Street”. Nesse sentido, Cisneros completa um círculo, terminado o trabalho com a culminação do amadurecimento de Esperanza, demarcado pela escrita do próprio livro.

Ecoando vozes da ficção e da crítica

A escritora chicana, Sandra Cisneros, retrata, em *The House on Mango Street*, a condição em que vivem os imigrantes ou descendentes de imigrantes mexicanos nos Estados Unidos, denominados chicanos. Enquanto escritora feminista, Cisneros se insere no que se denomina feminismo chicano, uma versão feminina do Movimento Chicano de Resistência que se volta especificamente para a condição feminina, de modo a questionar as desigualdades de gênero e discutir a condição feminina na sociedade patriarcal. Com isso, procura-se desestabilizar os tradicionais padrões dicotômicos de gênero, propiciando uma nova consciência para a mulher chicana.

Nesse sentido, o livro de Cisneros se dedica especialmente a personagens do gênero feminino, tendo como destaque a narradora e protagonista Esperanza, uma menina que relata, em primeira pessoa, sua vivência em um gueto denominado mango Street, onde se conglomerava uma comunidade de chicanos marginalizados da sociedade americana. Ali formavam uma minoria cultural, tentando resistir ao abafamento de sua tradição cultural. Dessa forma, Cisneros destaca a situação das mulheres, pois a condição de estar na “borda”, no entre-lugar, é talvez mais complexa para elas, pois são duplamente discriminadas: como imigrantes e como mulheres.

Assim, faz-se presente no livro *The House on Mango Street* a voz de uma menina que não se sente nem americana nem mexicana; uma menina que, embora tenha uma casa, sente-se órfã culturalmente, e que o que mais deseja na

vida é encontrar um lar onde possa sentir-se finalmente reconfortada, pois, conforme se viu no decorrer da análise, casa e lar não têm, exatamente, o mesmo sentido, principalmente para quem vive a experiência diaspórica. É por meio dessa vontade de se libertar, de reapropriar-se da sua identidade, que uma linguagem própria pós-colonial é engendrada; uma linguagem que se torna o meio termo pelo qual a estrutura hierárquica de poder é perpetuada e o meio termo, através do qual as concepções de “verdade”, “ordem” e “realidade” se estabeleceram.

Na narrativa, tanto a casa quanto *Mango Street* consistem marcadores físicos e psicológicos de uma situação socioeconômica opressiva e de angústia pelo sentimento de desterritorialização em sua própria casa. Portanto, o nome da rua e a casa podem ser interpretados como metáforas de espaços imaginários, e não apenas como lugares físicos, pois o fato de Esperanza estar à procura de um lugar para si não se reduz a um capricho por uma habitação mais confortável, mas consiste, sobretudo, no desejo de encontrar um porto-seguro, enquanto *locus* simbólico que lhe garanta a proteção de sua própria consciência identitária.

O presente trabalho buscou refletir sobre os vestígios das marcas do exterior constituinte da obra que revelam contextos de diáspora e que servem de terreno para reflexões sobre questões culturais e identitárias. Pode ser destacada, aqui, a questão do entre-lugar e das identidades heterogêneas que aparecem na voz da protagonista e partir de suas visões de mundo, bem como as relações entre língua e identidade enquanto processos de identificação/diferenciação ou identificação/desidentificação contínuos, marcados por movências descontínuas (não homogeneizadoras). Sobre a transversalidade entre os estudos pós-coloniais e a crítica feminista, as reflexões aqui propostas partiram do desejo de contribuir para os estudos dos campos investigativos mencionados. O princípio norteador das problematizações é

trazer aos leitores não certezas irrefutáveis ou verdades inquestionáveis, mas possibilidades de encontro com outros vieses, que resultassem na instigação de futuras reflexões, não necessariamente escritas pelos autores do texto em questão.

Referências

- ANDERSON, M. L. *et alli* (Eds.). Conceptualizing race, class, and gender. In: *Race, class, and gender: An anthology*. 2ª ed. Belmont, CA: Wadsworth, 1995, p. 117-129.
- ANZALDÚA, G. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Aunt Lute Books, 1999.
- ARTIÈRES, P. *et alli* (Orgs.). *Michel Foucault*. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- ASCROFT, B. *et alli*. *The Empire Writes Back*. London; New York: Routledge, 1991.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 4a. ed. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BHABHA, H. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 1998.
- BHABHA, H. The World and the Home. *Social Text*, v. 10, n. 2 & 3, p. 141-153, 1992.
- BONNICI, T. Avanços e ambiguidades do pós-colonialismo no limiar do século XXI. *Léngua & meia*: Revista de literatura e diversidade cultural, Feira de Santana, v. 4, n. 3, p. 186-202, 2005.
- BONNICI, T. Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais. *Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 7-23, 1998.
- BONNICI, T. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: Eduem, 2007.
- BRENNAN, T. *Salman Rushdie and the Third World: Myths of the Nation*. London: Macmillan. 1989.
- CISNEROS, S. From a Writer's Notebook. *The American Review*, v. 15, n. 1, p. 98-113, 1990.
- CISNEROS, S. *The House on Mango Street*. New York: Vintage Contemporaries, 1991.

- CORACINI, M. J. Língua estrangeira e língua materna: uma questão de sujeito e de identidade. In: CORACINI, M. J. (Org.). *Identidade & Discurso*. Campinas: Edunicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003, p. 139-159.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. 2ª ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: editora 34, 2010.
- FOUCAULT, M. *O homem e o discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1971.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- KRISTEVA, J. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MADSEN, D. *Understanding Contemporary Chicana Literature*. Columbia: University of South Carolina Press, 2000.
- MELMAN, C. *Imigrantes: incidências subjetivas das mudanças de língua e país*. São Paulo: Escuta, 1992.
- McCRACKEN, E. Sandra Cisneros' *The House on Mango Street*: Community-Oriented Introspection and the Demystification of Patriarchal Violence. In: *Breaking Boundaries: Latina Writing and Critical Readings*, 1989, p. 62-71.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. S. Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 1997, p. 213-230.
- RICOEUR, P. *Tempo e narrativa*, v. 1 Campinas: Papyrus, 1994.
- RUSHDIE, S. *Imaginary Homelands: Essays and criticism, 1981-1991*. London: Granta Books, 1991.
- SALVÍVAR-HULL, S. *Feminism on the Border: Chicana Gender Politics and Literature*. Los Angeles: University of California Press, 2000.
- SANTOS, L. As identidades culturais: proposições conceituais e teóricas. *Rascunhos Culturais*, Coxim, MS, v. 2, n. 4, p. 141-157, jul./dez. 2011.
- SANTIAGO, S. O entre-lugar do discurso. In: *Uma Literatura nos Trópicos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 78-90.
- TIBURI, M. *Filosofia em comum: para ler-junto*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ZINANI, Cecil Jeanine Albert. *História da literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul: Educs, 2010.

